

Fernanda Bruno
Universidade
Federal do Rio de
Janeiro - UFRJ

Transdisciplinaridade da Comunicação: entrevista com Marcio Tavares D'Amaral

*Transdisciplinarity of
Communication: Interview with
Marcio Tavares D'Amaral*

*Transdisciplinarité de la
Communication : entretien avec
Marcio Tavares D'Amaral*



Este trabalho está
licenciado sob uma
licença [Creative
Commons Attribution
4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o
direito exclusivo de
utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Bruno, F. Transdisciplinaridade da Comunicação: entrevista
com Marcio Tavares D'Amaral. Revista Eco-Pós, 26(3), 9-22.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i3.28189>

RESUMO

Nesta entrevista, Marcio Tavares D'Amaral reflete sobre a história do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Ao lançar um olhar retrospectivo, o professor emérito da instituição compartilha aspectos sobre o desenvolvimento e alguns marcos que moldaram a trajetória do programa ao longo do tempo. A conversa também aborda os desafios atuais e as perspectivas futuras da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação; Transdisciplinaridade; Universidade; PPGCOM/UFRJ;*

ABSTRACT

In this interview, Marcio Tavares D'Amaral reflects on the history of UFRJ's Graduate Program in Communication. Through this retrospective lens, the emeritus professor of the institution shares insights into the program's development and some milestones that have shaped its trajectory over time. The conversation also addresses current challenges and explores future prospects for the field of Communication.

KEYWORDS: *Communication; Transdisciplinarity; University; PPGCOM/UFRJ;*

RÉSUMÉ

Dans cet entretien, Marcio Tavares D'Amaral réfléchit sur l'histoire du Programme de troisième cycle en Communication de l'UFRJ. À travers ce regard rétrospectif, le professeur émérite de l'institution partage des éléments sur le développement et certains aspects qui ont façonné la trajectoire du programme au fil du temps. La conversation aborde également les défis actuels et les perspectives futures de la Communication.

MOTS-CLÉS: *Communication; Transdisciplinarité; Université; PPGCOM/UFRJ*

Submetido em 30 de novembro de 2023

Aceito em 10 de dezembro de 2023

Revista Eco-Pós: conte-nos um pouco da sua trajetória e da sua entrada no programa...

Marcio Tavares D’Amaral: O mestrado começou em 1972. A ECO, como uma coisa viva, foi criada vindo gente da Faculdade Nacional de Filosofia e de Letras. Levou uns dois anos. Começou na gestão do José Simeão Leal, em 1970/1971, que era um homem de grandes ideias e de um humor extraordinário. O Mestrado começou em 1972. Essa foi uma grande “sacada”, - arriscada - do Simeão que entregou para o Emmanuel Carneiro Leão implantar. A sacada foi a seguinte: a Escola, com a graduação recém-começada, não tinha massa crítica para criar uma Pós, de baixo para cima. Mas era preciso criar, porque a Pós estava se generalizando na área de Humanidades. Todo mundo tinha. Nós não podíamos deixar de ter, ficar para trás correndo o risco de ser aquilo que não queríamos ser: uma Escola de Comunicação que prepara para o mercado, mas não reflete sobre o fenômeno múltiplo, transdisciplinar da Comunicação, que era a ideia da ECO. Mas com apenas dois ou três anos de graduação, como é que se faz? Então Simeão pensou - eu interpretei assim - em fazer um movimento de sucção. Ele pediu para o Emmanuel criar o Mestrado para puxar a graduação para cima, impedindo que ela se fixasse na preparação só para as profissões. Gerar um movimento de reflexão teórica em cima, que se reproduzisse de certa forma, nas condições da graduação e, claro, puxando para cima. Qual era a massa crítica para fazer um mestrado? As pessoas, os professores que vinham da Faculdade Nacional de Filosofia, de Letras, como Carneiro Leão, Eduardo Portella. Mário Camarinha da Silva, que foi o introdutor de Borges no Brasil. Ele veio da Letras, era professor de literatura de língua espanhola lá. Esse pessoal tinha massa crítica, como pessoas, como pesquisadores. Estamos falando de 50 anos atrás, então ninguém era velho. Carneiro Leão acabou de morrer com 93 anos. Com 43 ele já tinha feito coisas, já tinha publicado coisas. Portella outro tanto...O que foi usado como ativo intelectual foram os professores, na ausência de uma produção já em ponto de maturação para gerar uma Pós. E deu certo. Então, esse

projeto foi entregue ao Carneiro Leão. E era superaberto. O mais difícil para nós foi - durante muito tempo - criar linhas de pesquisa porque tínhamos especialistas em Comunicação, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Política, Economia, Direito cercando o fenômeno da Comunicação que estava sendo inventado. A tradição latino-americana de escolas de Comunicação era de periodismo. Eram escolas de jornalismo, basicamente. Então nós estávamos aprendendo a pensar, de maneira multidisciplinar, o fenômeno da Comunicação. Fomos aprender com os franceses Semiologia, Linguística e a fazer essa análise mais crítica. Nossas áreas de concentração no Mestrado eram: Linguística, Semiologia e Cibernética. Veio um professor da COPPE/UFRJ ensinar Cibernética, porque ela estava na origem das Teorias da Comunicação – Cibernética, Sistemas de Significação e Filosofia da Linguagem. E sistemas de Comunicação, que era todo o resto e onde se rebatiam, de certa forma, pensativamente, as profissões. Deu certo durante um tempo longo, talvez uns 20 anos, em que nós nos revezávamos ali. E o Carneiro Leão estava lá a maior parte do tempo. Muniz Sodré e eu ficávamos nas posições que poderiam afetar a construção de uma Escola de Comunicação. A Pós-Graduação estava puxando para cima com essas características de pensar os fundamentos humanísticos. A Comunicação não como um objeto que tem uma epistemologia, que tem uma ciência, mas a pluralidade da Comunicação, da Comunicação interpessoal-humana até a Comunicação de massa. Na época, não tinha rede. Então nós nos revezamos em todas as posições em que alguma outra pessoa, com poder, poderia afetar esse programa. Isto era a Coordenação da Pós. Evidentemente, também a chefia do Departamento de Teoria, aliás, chamava-se Departamento de Comunicação. Curiosamente, tinha um departamento de Comunicação na Escola de Comunicação, que era de teoria e é hoje o departamento de Fundamentos. Direção, vice diretoria. Acho que basicamente, nessas quatro posições, nós trocamos bola, durante 20 anos. E nesses 20 anos, nós fizemos o que fez a ECO ser uma escola diferente em termos do Brasil, do cenário brasileiro, e assumimos um risco extremo de sair do cenário. Que foi fortalecer muito a base reflexiva, o que deu à Filosofia, à Sociologia, à Antropologia e à História, uma preeminência, que o pessoal da graduação via como um desvio porque não se falava de jornalismo, não se falava publicidade, não se ensinava isso. Tinha um curso de Relações Públicas na época. E onde é que ficava tudo isso? Então havia

uma grande dissociação, o que é verdade. De certa forma, é até hoje. Mas não mais como uma dissociação entre a graduação e a pós. Nós tentamos fortalecer o ciclo básico que, na época, era composto por quatro semestres. Depois as pessoas iam para as disciplinas técnicas, não tinha mais teoria. Aí ficava um descompasso. De modo que a Pós teve que se equilibrar para ser uma Pós-Graduação em Comunicação. E “apanhamos” da CAPES esse tempo inteiro. A CAPES, na época, era dominada pela mentalidade e as pessoas de São Paulo, sobretudo da USP, como José Marques de Melo, que era um papa da teoria da Comunicação no Brasil e tinha uma visão muito voltada para a profissão, - sobretudo jornalismo -, e para outras também. Esses estavam na CAPES, faziam as avaliações e era sofrido a gente conseguir passar por elas com as exigências que eles faziam. Chegou o momento que nós estávamos para sair do sistema. Íamos para uma avaliação 3 e aí não ia ter mais taxa de bancada, bolsas. O programa se manteria como curso, mas sem tudo o que faz um curso de Pós-Graduação: sem uma estrutura de pesquisa alimentando os cursos, as aulas, as disciplinas. Não ia ter mais a base e o financiamento. E foi o momento em que nós demos o nosso trabalho por concluído e passou-se adiante. Teve um arrocho muito forte. Eu não me lembro exatamente em que ano que foi...Se já estávamos nos anos 2000 ou no final dos anos 1990. Teve um arrocho muito forte porque a CAPES primeiro nos exigiu a retirada de uma série de professores que estavam lá desde o começo, inclusive eu e Heloísa Buarque de Hollanda. Porque eu “só fazia filosofia”, e ela “só fazia História Cultural, Estudos Culturais”. “Não tínhamos nada a ver com Comunicação”, teríamos que sair. Nós fomos segurados pela Raquel Paiva e pela Ivana Bentes. “Não, de jeito nenhum, sem eles, não tem”. E isso quando a relação de professores deu uma enxugada.

Quanto às linhas de pesquisa. Nós nunca tínhamos conseguido estabelecer linhas de pesquisa porque a interdisciplinaridade nos levou para coisas como: Comunicação e Sociologia, Comunicação e Antropologia, Comunicação e Filosofia, um “pouquinho” de Linguística por causa da Filosofia da Linguagem... Tinha 7 linhas de pesquisa! Não era possível...Eu que tinha organizado as sete linhas... Fui criando as linhas, chamando os professores que estavam acostumados, naturalmente, a trabalhar sem nenhuma teia. Não era para limitar ninguém, mas era para as pessoas tentarem trabalhar juntas, não

funcionou, mas pelo menos tinha aquelas linhas de pesquisa que podiam ser uma referência. Quando a CAPES viu aquilo, “Não, absolutamente, isso não é linha de pesquisa de programa de pós-graduação, ou seja, vocês são no máximo um bom programa de pós-graduação em Ciências Humanas. Comunicação de jeito nenhum”. Então, até chegarmos as linhas atuais, de Mídia e Mediações Socioculturais e Novas Tecnologias e Estéticas, suamos. A gente mandava para lá e eles: “não, ainda não”. Até que essas duas linhas eles toleraram, mas de uma maneira muito fechada. Por exemplo, o professor de uma linha não podia estar em banca de outra. Um professor de uma linha não podia dar um curso letivo na outra. Então era muito fechado, e nós, acho que dá para dizer assim, cedemos em toda a frente. Professores foram embora e saíram da Pós, ficaram na Graduação. As linhas foram se concentrando até chegar nessas. Viver dentro delas foi muito difícil. Hoje elas têm uma dinâmica de linha, tem coordenação de linha. Foi muito difícil. E currículo? Nosso currículo era super aberto, era como se cada professor levasse a sua pesquisa, aquilo que estivesse fazendo para lá, com o nome de uma disciplina. Então não tinha assim uma unidade de linha. A correspondência entre o projeto de um professor e a linha de pesquisa em que ele estava trabalhando e a disciplina que ele dava, não era fechada. Aí o tempo “rolou” e uma nova geração chegou. O Emmanuel Carneiro Leão abriu, Muniz Sodré encerrou esse nosso longo trabalho de 20 anos ou mais até. Outras coordenações vieram e hoje nós somos o melhor programa de pós-graduação em Comunicação e ninguém mais discute isso no Brasil.

Revista Eco-Pós: e que balanço você faz dessa transformação? Do ponto de vista objetivo, o PPGCOM/UFRJ se tornou um programa nota 7. Mas quando você pensa um pouco na área, da maneira como você entende a Comunicação e também do modo como vocês exerceram tão vivamente a transdisciplinaridade ali, e hoje, não apenas a estrutura do programa, mas também o modo como a área atua. Que balanço você faria dessa mudança?

Marcio Tavares D’Amaral: Acho que talvez a gente possa botar assim, um momento de virada, de sacudida, pelo menos, na revolução 2.0 - a internet e as redes. Até aquele momento, nós trabalhávamos com comunicação interindividual e comunicação de massa.

McLuhan era a grande referência (voltou a ser até recentemente). Carneiro Leão deu curso sobre McLuhan. Quando entrou a internet, e a comunicação um/todos, que era o que a gente estava acostumado: meios de comunicação e Escola de Frankfurt - os meios de comunicação de massa eram limitadores e manipuladores da audiência; se o meio era a mensagem, se era manipulação, todas essas eram questões relevantes. E a referência dos frankfurtianos era importante. Saindo deles, entrou Foucault; por causa do Carneiro Leão, Heidegger. Foucault foi se tornando cada vez mais importante na relação de comunicação. Eu não me lembro se foi ele ou se foi o Deleuze que disse que a comunicação era como um guarda-chuva cheia de buracos, passa a chuva e a gente vê as estrelas. Não era para ser levado a sério como disciplina, como ciência. Mas nós usamos até hoje. Mas, com a entrada das redes, a Comunicação começou a ser todos/ todos. Até então, o modelo de comunicação, era o de que tem uma fonte que codifica uma mensagem e que transmite, que passa por um canal que não deve ser ruidoso, que é recebida do outro lado e finalmente consumida por um destinatário, e, no máximo, existe uma relação de feedback entre o destinatário e a fonte, do tipo, “o que você quis dizer?” ou qualquer coisa assim. Esse era o modelo de comunicação. E de repente não era mais isso. Todo mundo é receptor, é transmissor e produz mensagem. E aí não tinha modelo para isso. Foi um momento tenso, mas foi quando já se estava passando para as novas gerações, que já tinham sido, em parte, formadas nessa dimensão nova, seja pelas artes, pelas técnicas. A filosofia ficou um pouco para trás nesse movimento de *aggiornamento*. As ciências sociais, quer dizer, a sociologia, ficou um pouco aqui e um pouco ali, porque o Muniz Sodré, como grande teórico da comunicação e da cultura brasileira com recorte sociológico, antropológico e uma formação filosófica, “carneiroleonina”, representava ali, e até hoje, a herança daquela primeira geração. Foi entrando, um pouco vindo da graduação, o pessoal que estava trabalhando mais nas técnicas. E a escola foi se tecnologizando. Eu não sei dizer se foi um movimento contrário àquele inicial. Se a tecnologização da Pós veio por exigência das dimensões tecnológicas novas, das profissões de comunicação que “subiram” então para ser refletidas lá em cima, no curso da Pós, pode ter sido isso e não o contrário. Estou pensando agora, acredito que foi isso e não o contrário. Completou-se, então, de certa forma, aquele arriscado projeto do Simeão,

tornando-se agora as coisas mais...queria dizer caretas, mas não era, eram talvez mais “verdadeiras”, quer dizer, vindas de baixo mesmo. Talvez tenha sido um momento de virada para nós e para a nossa geração. E para o programa, na medida da tomada do controle pelas novas gerações. O Muniz está com 81 anos, eu com quase 80, então “nova geração” é o pessoal que está hoje com 60 anos. É uma geração, que quando pegou a administração já com outra mente. Uma abertura para fora também. Hoje, várias dimensões da Pós de pesquisa, de organização mesmo de laboratórios como LECC¹, por exemplo, trabalham “lá fora”, para dentro, com a Maré, com comunidades, com movimentos sociais, com quilombolas, enfim. Com tudo aquilo que não tinha lugar na universidade, em parte por discriminação e também porque, nas condições epistemológicas anteriores, isso não passava pela cabeça de ninguém. Essa dinâmica nova, essa última parte de que estou falando - trabalhar lá fora e trazer para cá - talvez tenha uns 10 anos. Nós estamos falando de um Programa comemorando os 50. Então, essa dimensão nova aponta para o que pode ser o futuro do programa. Olhando para trás, lá para o começo, a gente talvez possa hoje ver o início da Pós da ECO como uma coisa um pouco elitista, com disciplinas que conversavam entre si, e a transdisciplinaridade foi pensada assim. Cada disciplina precisava da outra, porque lhe faltava alguma coisa que a outra pode ser que tivesse. A conversa ali era fundamental. Mas era disciplina conversando com disciplina, cada uma trazendo a sua “coisa”. E hoje arrisco dizer que a disciplina vai a reboque de uma realidade que está fora da universidade. Vai ou está se preparando para ir, irá. Então, é uma inversão de polaridade bem importante.

Revista Eco-Pós: e os próximos 50 anos?

Marcio Tavares D’Amaral: A aposta de risco, lá no começo, era trazer o de baixo para cima, aumentar a qualidade, estrategicamente, do que queríamos que fosse um curso de Comunicação. Puxando para cima, meio *münchaisiana*, porque não existia a massa crítica da Pós. Deu certo. Podia não ter dado absolutamente. E até, como eu disse, ao longo desse caminho a CAPES todo ano dizia: “não, não é isso, vocês não estão no caminho de um curso

¹ Abreviatura de Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária.

de Comunicação” (modelo São Paulo). Foi tenso. Foi punk. Num determinado momento nós conseguimos ganhar a CAPES, aí teve uma sucessão, inclusive eu, de coordenadores da área que reviraram a lógica da avaliação. Foi aí que nós conseguimos subir. Agora, há pouco tempo - tem mais ou menos uns 10 anos, talvez um pouco menos - a Pós está trabalhando lá fora e trazendo para dentro. Isso é verdade em algumas áreas. Não acredito que esteja sendo pensado como uma espécie de plano piloto para trazer um programa de Pós do futuro, mas é daí que virá. Então, qual é o risco agora? A Pós tem que se exteriorizar, de tal maneira que consiga trazer o que se passa lá fora para dentro sem que isso vire meramente conceito, teoria abstrata, mas continue na dinâmica do lá fora, só que sendo pensado, refletido e devolvido. Qual é o risco? É de a gente perder o controle sobre um programa universitário para a qual nós somos vocacionados. São os excluídos, o pessoal das comunidades que vão conversar conosco. Os outros programas mais ou menos continuam na mídia tradicional. Nós vamos conversar com quem está fazendo Comunicação na vida concreta, como a Maré. E está fazendo maravilhosamente, há muito tempo e independentemente da universidade. Nós vamos lá, conversamos com eles. A dificuldade que eu imagino - de não sermos paternalistas, maternalistas -, deve ser grande porque nós vamos lá com o saber. Ou como os lacanianos diriam, com o suposto saber. E há aí um risco de apropriação indevida, por nós, que temos o poder institucional, de processos de vida verdadeira. Mas é um modo novo de pensarmos transdisciplinarmente: o que se passa “lá fora” trazido aqui para dentro, refletido e devolvido “lá para fora”. Eu imagino que uma crítica que talvez os organismos de controle, CAPES, CNPq, farão, é que se, lá no início, não éramos um programa de Comunicação, mas, melhor das hipóteses, um bom programa de Ciências Humanas, agora nos tornamos um movimento político, um movimento social, com a universidade aberta ao povo. Essas coisas, talvez digam, cheiram, a demagogia. Mas ao contrário, são, sem demagogia, um caminho para fazer a universidade ser da sociedade. Porque eu sinto que a sociedade não ama a universidade. (Menos no nordeste, onde reitor de universidade federal é autoridade local.) De modo que quando a gente faz uma greve - e nós não temos vocação para greve de permanência, de ocupação - fechamos as janelas e as portas, o que alguns governos adoram. E a sociedade não percebe muito a nossa ausência. Nas faculdades privadas, sim, porque os

pais estão pagando e, de repente, os filhos não estão tendo os seus cursos. Ali vai haver uma rápida negociação e está resolvido. No nosso caso, não. A negociação se faz lá em Brasília. A sociedade não sabe o que está se passando. Então, a universidade é muito pouco uma coisa da sociedade. Nós poderíamos ter a felicidade de fazer isso acontecer, porque a nossa área é diretamente social. Por mais requintado que seja o nosso pensamento, as várias dimensões da reflexão, filosófica, sociológica, tecnológica da nossa ECO, da nossa Pós-Graduação, a nossa vocação está lá fora. Então, se nós tivermos um jeito de irmos lá, de oferecer e receber - possivelmente recebermos mais do que oferecemos, de início - e depois trabalharmos isso de uma maneira que não elimine a oferta, não elimine o presente, e possamos devolvê-lo como um outro presente - aí será o melhor dos mundos. Para os próximos 50 anos - uns 25 eu tenho intenção de estar por aqui... - isso é um cenário possível. O pior cenário é o do fechamento sobre nós mesmos, claro. Frequentemente somos considerados inimigos do poder. A tendência então é nos protegermos, nos fechando um pouco. (Não nesse governo!) E se fechar é o pior que pode acontecer. Então esse ir lá fora e voltar é um projeto estratégico, político, possível. Não é tão difícil, me parece, porque está sendo feito em determinadas áreas mais ligadas aos movimentos culturais, a música, a organização da dinâmica de Comunicação de comunidades. E é um caminho que tem beleza, tem inteligência, tem estratégia. no sentido de que está se olhando para muito adiante do tempo em que estamos. E esse *muito adiante* significa que a universidade precisa se pensar de modo novo porque está sob o risco de acabar. Não acabar como instituição, mas como relevância.

Revista Eco-Pós: como você pensa esse futuro em relação a dimensão tecnológica que atravessa a área da Comunicação?

Marcio Tavares D’Amaral: esse projeto e essa estratégia têm uma qualidade eminentemente social, política, cultural. Mas tem uma dimensão que hoje atravessa, perpassa tudo, que é a dimensão tecnológica, tecnopolítica. E dessa vez a ECO está envolvida desde a graduação. Quando nós olhamos os TCCs, por exemplo, está tudo lá. O pessoal está pensando isso desde os primeiros períodos até a grande produção teórica de

teses e dissertações. E a produção, claro, dos professores, que são pesquisadores de ponta nessas áreas também, ou talvez sobretudo. Porque eu digo *ou talvez sobretudo*? Porque a tendência de - eu vou usar a palavra *reduzir* - as dimensões da comunicação, hoje, ao tecnológico é muito forte. Porque *o mundo* se tecnologizou. Houve aquilo que Heidegger previu sem ter visto nenhuma das revoluções 2.0, 3.0, 4.0. Foi a planetarização da técnica. Globalizações existem desde Alexandre, o Grande, mas a globalização *nós* fizemos, continuamos a fazer, foi pela eficácia tecnológica que arrazoou o mundo, transformou o mundo num mercado de consumo para tudo: pessoas, subjetividade, tudo. Então, há uma pregnância da dimensão tecnológica, das redes, da visualidade, da visibilidade, de um mundo imagético, de simulações e simulacros como Baudrillard desenvolveu tão bem. E agora, tempo de *deepfakes* e inteligência artificial, não há praticamente uma diferenciação, para quem consome, entre o que é real e o que que não é real. A rigor nem dá para dizer, porque tudo é real. Real e real. São dois: a gente diz que um é “verdadeiro” e o outro é “tecnológico”. Mas não sabemos mais o que é “verdadeiro”. A constituição de um mundo tecnológico dispensou essa antiga dimensão. Não dá mais para fazer esse tipo de separação, ou fazê-la dessa maneira. Eu ainda tive a felicidade de fazê-la há muito tempo atrás. Não mais... Essa dimensão tecnológica, então, precisa ser *rigorosamente pensada*. E a aposta da ECO é forte nisso. Precisa ser pensada *estrategicamente*, porque a tecnologia propõe um mundo, e isso não é nada trivial. Ou talvez proponha uma *outra civilização* em que a referência, por exemplo, aos gregos e medievais, já não seja mais necessária, já não mais faça parte dessa outra civilização, em relação à qual nós hoje usamos termos como “distopia”, “pós-apocalíptico”, que são, talvez, palavras defensivas. Então, lidar com essa dimensão fortíssima - tecnológica, tecnopolítica, biopolítica, biotecnológica - de uma maneira crítica significa mudar o paradigma de universidade sem abrir mão do que ela deve valer para a sociedade, para a cultura e para o seu tempo, o nosso agoniado tempo. (Já se fez inúmeras vezes desde o século XIII da fundação das universidades na Europa.) É um grande desafio. Na comemoração dos 10 anos do MediaLab a Fernanda Bruno disse: - nessa dimensão toda, trata-se também de uma luta pela verdade, em torno da verdade, *da verdade como disputa*. Essa é uma coisa nova, coisa do nosso tempo. Porque toda a nossa tradição diz que existem as coisas e existe a verdade

das coisas. A verdade pode estar nas coisas, elas podem nos dificultar de arrancá-la de lá; ou estão na nossa mente e nós as projetamos nas coisas para elas funcionarem. Enfim, houve uma longa tradição de real-e-verdade. Eles casam, não casam, têm o erro. E isso se passa, se passava na mente, na teoria, nos sistemas. Era explicativo - e agora é constitutivo. A luta pela verdade é uma dimensão constitutiva de uma sociedade tornada tecnológica. E aí eu acho que nós entramos - nós da Comunicação, que lidamos diretamente com o fenômeno da tecnologização da sociedade, do sujeito, dos regimes de subjetivação e também dos regimes de veridicção. E temos um papel importante a desenvolver. Então são, na verdade, duas estratégias complementares. A tendência de a estrutura do mundo em implantação - vamos chamar de grande estrutura tecnológico-tecnocrática - é o controle, segundo regimes de estrita eficácia. E disso a verdade está excluída. Então, pôr a verdade em cena é totalmente estratégico. Significa lutar pela verdade e, ainda mais, como a Fernanda Bruno disse: ter a verdade como espaço de luta. Isso pode casar com aquele movimento de sair e voltar e sair de novo. Ou embargá-lo. Porque fica tudo tecnológico - provavelmente é uma visão um pouco apocalíptica - e o lá fora talvez já não é seja um *lugar* ao qual se possa ir, do qual se possa voltar como quem transita por um caminho que pode ser áspero, pode ser delicado, mas permite trânsito. Quando o trânsito se faz por algoritmos, quando a pergunta “quem é você?” é respondida por um algoritmo, quando uma coisa é dita e você não sabe se ela pode ser atribuída a quem se disse que a disse... - nessa conjuntura o trânsito pode ficar engarrafado, mal-entendidos podem pipocar entre o “lá fora” e o “aqui dentro”. Inteligência artificial, Chat GPT... Essas coisas todas são muito atraentes, e muito perigosas. Às vezes nos divertem, às vezes nos assustam. Lá no IDEIA discutimos um bocado isso, pró e contra. É uma dimensão tecnológica ao lado e eventualmente contra essa primeira dimensão político-cultural-social, de que eu falei, que eu vejo daqui a 50 anos. Eu vejo uma coisa boa. Mas vejo também a possibilidade de um grande risco que, no entanto, é também uma grande conquista, porque a explosão tecnológica é uma grande *conquista de mundo*. No meu celular, por exemplo, tenho tudo. Pensar isso multiplicado pelo mundo tem uma positividade muito grande que está produzindo mundo, subjetividade. Verdade? É preciso um cuidado crítico porque a sedução tecnológica é imensa, às vezes pode nos

fazer correr o risco de abdicar do trabalho de pensamento, que é nossa herança de 26 séculos. Por uns poucos anos, um par de décadas... Um pouco assustador.

Revista Eco-Pós: da necessidade de definir o que é Comunicação...

Marcio Tavares D’Amaral: Nós nunca demos muita bola realmente para esse negócio do que é Comunicação. Não é por falta de seriedade. É que sempre soubemos, sem precisar explicar por que, sem nem provar, que isso de Comunicação não existe. Nada como *existe* DNA (que aliás é um processo de comunicação...), que você precisa objetivar, para o qual há uma epistemologia, uma ciência, a biologia, e você tem que aplicar muito bem os métodos de experimentação, ou “mela” o experimento. Há uma ciência para dar conta desse objeto. Acho que nós sempre soubemos que isso não existe na comunicação, que não há nada que *não seja* Comunicação. Nada, nem a explosão de um quasar que o James Webb está registrando agora lá perto do início do universo. São todos fenômenos de Comunicação e isso não é metafórico, nem é uma alegoria. A Comunicação é o grande modelo para todas as coisas, uma espécie de metafísica do mundo. Efetivamente todos os processos são processos de comunicação. Foi processo, é comunicação. Então, porque que nós iríamos perder tempo nos concentrando em encontrar, delimitar, recortar, suturar um objeto super-definido, de tal maneira que as áreas conexas não “sujassem” o objeto? Um objeto limpinho, esférico, com uma epistemologia da própria, que só serviria para a comunicação, e finalmente encontrar uma “ciência da comunicação”? Acho que nós sempre soubemos que isso é bobagem. Eu não quero enfatizar demais porque os nossos colegas de outros programas fazem exatamente isso: desenvolvem epistemologias da comunicação. Eu acho que é de chorar. Uma vez um sociólogo francês esteve aqui na ECO, conversamos muito e ele perguntou para o Muniz: “qual é o seu método?” E o Muniz respondeu: “o chute”. Por que o chute? Porque nós temos a intuição de para onde vai a “coisa”. Não é esquartejar, não é sugar, não é aspirar a essência do fenômeno da Comunicação. Aí a mata. Aqui jaz a Comunicação. Nós não queremos ser esse programa, não queremos ser essa escola. Sempre soubemos que essa área exclusiva e excludente

não. Portanto, não vale a pena perder tempo com isso. Esse é um dos fundamentos mais fortes da nossa insistência na transdisciplinaridade. Espero que nossos colegas mais jovens pertençam isso, e compreendam sua natureza estratégica e política.

Fernanda Bruno - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e do Instituto de Psicologia da UFRJ. É coordenadora do MediaLab.UFRJ, pesquisadora do CNPq e membro-fundadora da Rede latino-americana de estudos em vigilância, tecnologia e sociedade/LAVITS".
